



mun do da arte

REVISTA DE ARTE, ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA

TRÊS PROJECTOS SETECENTISTAS PARA A CAPELA-MOR DA SÉ NOVA DE COIMBRA

Maria de Lurdes Craveiro

O Museu Nacional de Machado de Castro possui, no âmbito das colecções de Plantas e Desenhos de Arquitectura, a memória de um projecto de reforma para a capela-mor da igreja da Sé Nova de Coimbra que não chegou totalmente a ser executado.

1781 é a data que ostenta um dos desenhos em causa, e, se nesta altura o ritmo intenso das obras ligadas à Reforma Pombalina da Universidade havia já abrandado (morto o rei e afastado o todo poderoso ministro, o grande intérprete da vontade de Pombal, o Reformador Reitor D. Francisco de Lemos, deixa de presidir directamente aos destinos da instituição universitária), isso não significou de forma alguma o encerrar desta tremenda empresa iniciada sob os bons auspícios da protecção régia. Os motivos eram poderosos: à necessidade de reestruturação do ensino universitário na via do experimentalismo e da modernidade, aliava-se o imperativo da remodelação dos espaços, tornados inadequados às novas perspectivas científicas. Com efeito, a componente arquitectónica que acompanhava este imenso pulsar de vontade renovadora, cuidadosamente planeada desde 1772, confere à cidade de Coimbra, através da sua Universidade, um lugar de primeiro plano no sector construtivo. Na Universidade se jogam as ambições políticas e culturais e neste palco se desenrola a luta tenaz entre o antigo e o moderno.

As artes plásticas não ficaram alheias a este processo, e, se é de Lisboa que vêm, até 1777, as directrizes escrupulosamente seguidas em Coimbra no tocante às verbas a gastar, ao corpo de arquitectos responsáveis, às disposições técnicas e artísticas a tomar, progressivamente se verifica maior autonomia da Universidade em todos estes aspectos.

Se o nome do inglês Guilherme Elsdon pontificou até 1777 e se a responsabilidade das principais obras ligadas à Universidade se lhe têm de atribuir, isso não significa que outros homens qualificados não tenham garantido a continuação dos trabalhos, mantendo vivo o espírito da Reforma e assegurando a actividade do Gabinete das Obras até ao século XIX. Na realidade, se a partir daquela data as verbas escasseavam e o próprio D. Francisco de Lemos se teve que empenhar na defesa de todo um projecto hostil à «Viradeira», as obras continuaram não obstante as dificuldades (1). Já bastante adiantada ia a remodelação do antigo complexo jesuítico com a constituição do Hospital Público, do Museu de História Natural, do Laboratório Químico; as novas salas surgidas da adapta-

(1) Theophilo de Braga, **Dom Francisco de Lemos e a Reforma da Universidade de Coimbra**, Lisboa, 1894; **Riscos das Obras da Universidade de Coimbra**, Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra, 1893.

ção do Colégio das Artes estavam em pleno funcionamento; a funcionar também a imprensa académica instalada no piso superior do claustro da actual Sé Velha (2); as obras com o Observatório Astronómico interino situado no Pátio das Escolas decorriam desde 1775 (3); só os trabalhos com o Jardim Botânico se arrastavam morosos.

Mas o Gabinete das Obras estendeu-se para além do âmbito académico que motivou a Reforma não se confinando os trabalhos ao circuito universitário. Até às primeiras décadas do século XIX os edifícios e templos pertencentes ao

padroado da Universidade foram alvo de grandes reformas ao nível de consolidação e melhoramentos (4). Sobre a cida-

(2) Manuel Lopes de Almeida, **Documentos da Reforma Pombalina**, vol. I, Coimbra, 1937.

(3) A.U.C., **Universidade de Coimbra - Junta da Fazenda - Obras - 1775/77**, Dep. IV, S. 1 E, Est. 10, Tab. 2, N 31, p. 24.

(4) No Arquivo da Universidade de Coimbra há toda uma série de documentação relativa a estas obras. Refira-se, por exemplo, a caixa com **Plantas de Igrejas da Universidade**, Dep. IV, Sec. 3, Gav. 33.

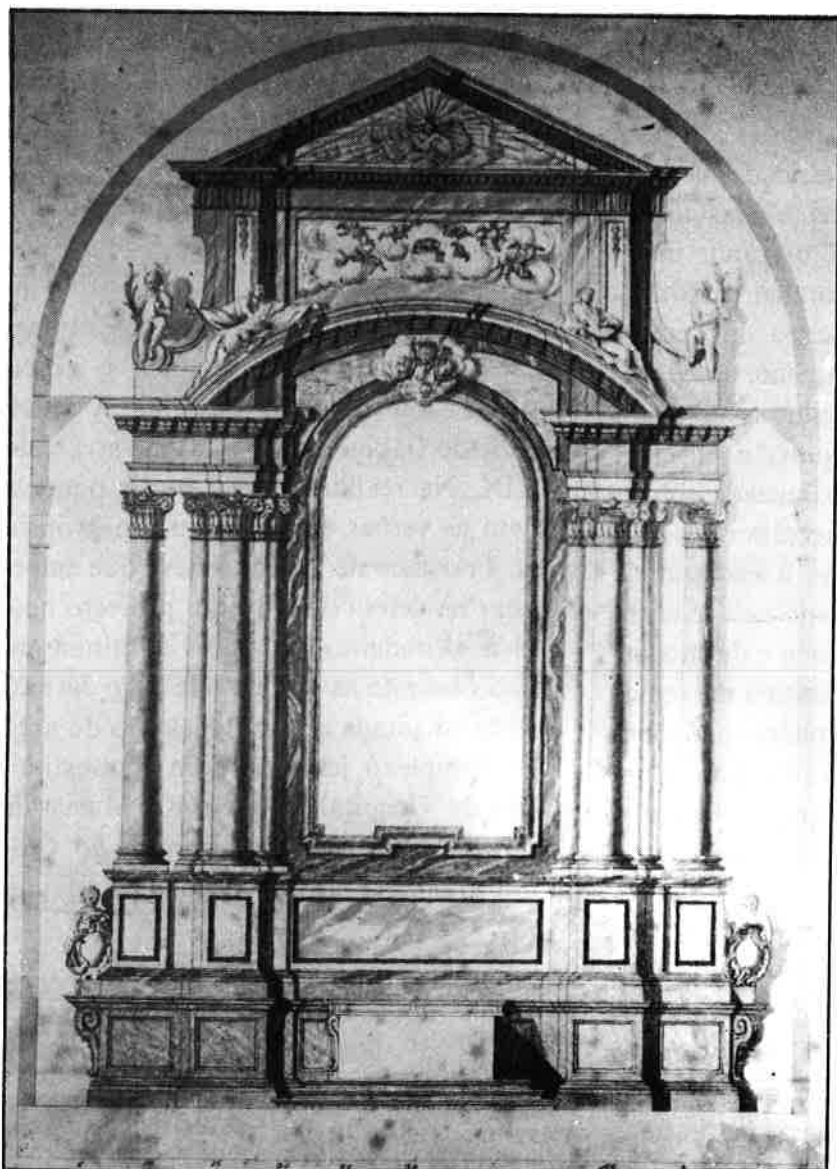


Foto 1 — Projecto para retábulo da capela-mor da Sé Nova, José Carlos Magne, 1781 (M.N.M.C., n.º de inv. 3888, D: 648mm × 495mm).

de de Coimbra incidiram numerosos estudos e projectos que vão desde a reestruturação de artérias locais como a Couraça de Lisboa à formulação de novos edifícios como o projecto da Cadeia e Tribunais de Coimbra planeado para a Rua da Sofia.

Os projectos destinados à remodelação da capela-mor da igreja da actual Sé Nova, na altura sob a dependência do Cabido, revestem-se do maior interesse. O primeiro, com o nº de inventário 3888,

mesmo não se verificou no retábulo. Depois da ampliação da capela, acabou por ser novamente montado o retábulo seiscentista, o que não prejudicou o sentido de grandiosidade deste espaço mítico. Certamente as verbas escasseariam já neste período conturbado e difícil para a continuidade das obras, o que não invalidou que os trabalhos do corte do mármore não tivessem, mesmo assim, começado (5). As linhas vigorosas que estruturam o desenho para o retábulo da igreja

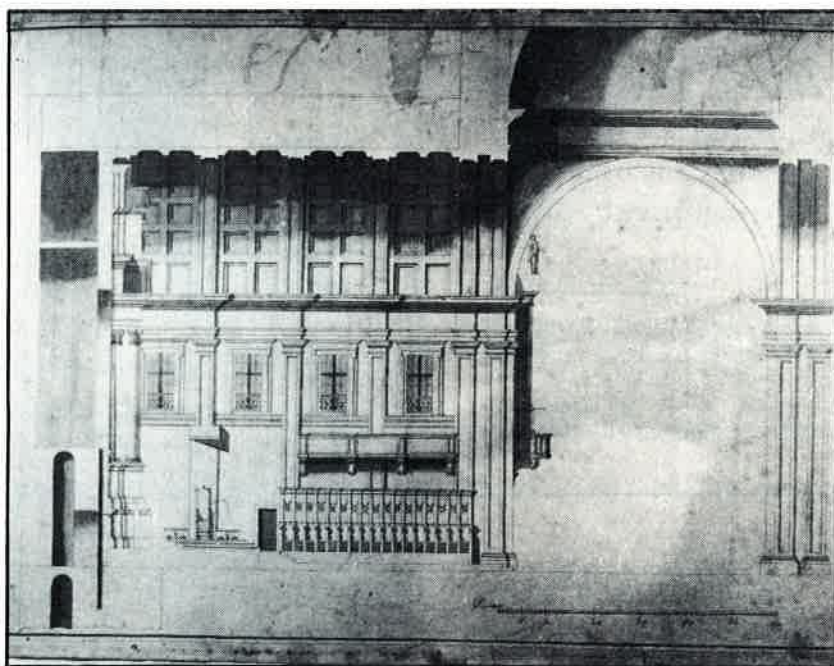


Foto 2 — Desenho de arquitectura da capela-mor (M.N. M.C., n.º de inv. 3890, D: 463mm x 662mm).

dá conta de um plano nunca realizado para um novo retábulo a inserir na capela-mor visando substituir o anterior, dos finais do século XVII. O projecto, assinado por José Carlos Magne e datado de 1781 (**Jose Carlos Magn o fes no ano de 1781**), seria em mármore policromo e viria, assim, ocupar o lugar ao fundo da capela, agora ampliada para o dobro no sentido do comprimento. Mas se a transformação espacial se verificou, conferindo ao recinto privilegiado da igreja a largueza e imponência que lhe faltava, o

da Sé Nova, acusam a força dos elementos clássicos empregues e acentuam o vigor estilístico de uma época. As colunas coríntias e o frontão triangular que encima a composição, corroboram o sabor neoclássico deste projecto onde um arco abatido, sabiamente incorporado, atenua o rigor das linhas direitas. É ao nível da decoração que nos aparecem os

(5) Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, **Inventário Artístico de Portugal - Cidade de Coimbra**, Lisboa, 1947, p. 21.

laivos de um barroquismo ainda não completamente extinguido, atentando sobretudo no pormenor figurativo dos pequenos querubins em plano central.

O autor do projecto, José Carlos Magne, assumia na altura a responsabilidade dos planos saídos do Gabinete das Obras. Sucedendo a Guilherme Elsdén na chefia do mesmo a partir de 1778 (6), era igualmente engenheiro militar e continuador de uma estética definida pelo seu antecessor.

O desenho de arquitectura com o nº

não chegou a executar-se (o cadeiral de pau-preto e espaldar dourado que hoje se vê, é dos finais do século XVII sendo para aqui transferido da Sé Velha) e sobre o qual assenta uma balaustrada e o órgão, já fora da capela. Pela análise da grafia inscrita neste desenho, parece-nos estar em presença de um trabalho de José do Couto dos Santos Leal, integrado no plano reformador da Universidade por volta de 1780 e desde logo adepto declarado da nova estética construtiva. É este um projecto de excepção-

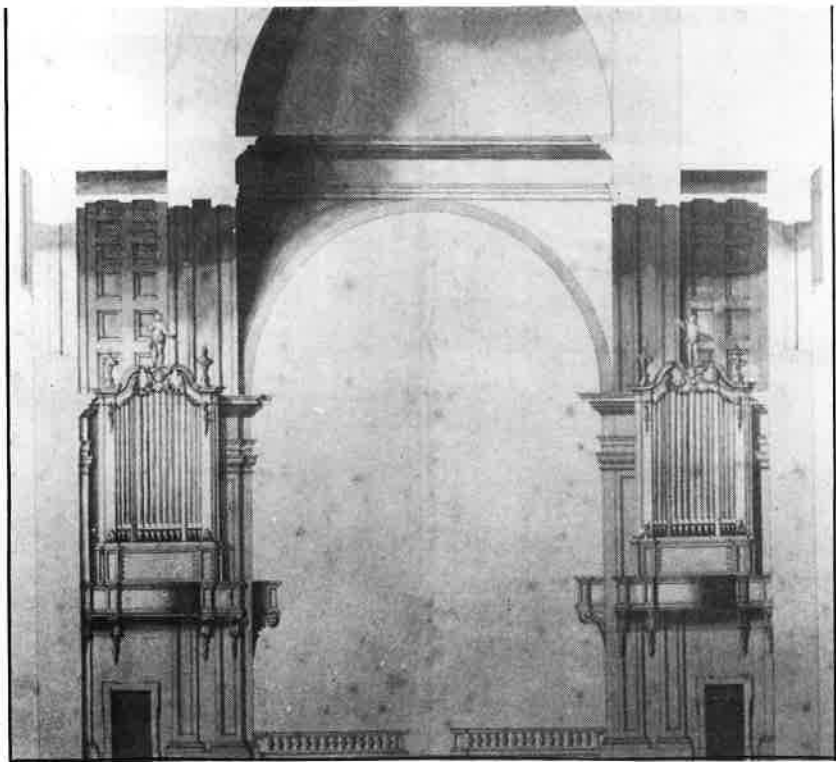


Foto 3 — Projecto para colocação dos órgãos (M.N.M.C., n.º de inv. 3889, D: 475mm x 634mm).

de inventário 3890 abrange a capela-mor em toda a sua nova extensão e o arco que estrutura a dimensão do transepto. Aqui se conciliam harmoniosamente os elementos arquitectónicos num vigor de intenção clássica, das pilastras ao entablamento, da abóbada de caixotões à projecção do transepto, da exiguidade decorativa à sóbria leveza que transmite o enquadramento das quatro grandes janelas. Visível a estrutura do retábulo com as colunas coríntias a demarcar a sua posição destacada, o cadeiral que

nal importância pois aqui se demarca pela primeira vez (que o saibamos), a nova estrutura espacial da capela. Todas as plantas que conhecemos relativas à igreja da extinta Companhia de Jesus e elaboradas sob a responsabilidade de Guilherme Elsdén (amplamente divulgadas pelos oficiais ajudantes) quando da reestruturação do Colégio das Onze Mil

(6) Pedro Dias, *Os Doutorais e o Cadeiral da Capela da Universidade de Coimbra*, «Mundo da Arte», n.º 14, Coimbra, 1983, p. 62.

Virgens, indicam ainda a pequenez da capela reduzida a metade (7). Se, de facto, este plano de reorganização espacial só foi cuidadosamente estudado nos princípios da década de 80 e a partir de então executado, maiores são os méritos dos arquitectos desta «segunda geração» no período reformista posterior a 1777. Neste caso, e, porventura, de José do Couto dos Santos Leal.

A grande alternativa consiste na localização dos órgãos que transitam para as paredes fronteiras do transepto, com a mesma estrutura arquitectónica da capela, conforme o projecto seguinte com o nº de inventário 3889. Os órgãos que aqui encontramos, são mais pequenos e mais austeros do que aqueles que foram realmente executados e colocados na capela-mor.

Estes dois planos não se encontram assinados nem datados, mas pensamos que não será arrojado situá-los dentro de um mesmo âmbito cronológico do anterior. O problema complica-se quanto à autoria. A hipótese de uma unidade de

trabalho, podendo, assim, fazer uma atribuição conjunta dos três projectos a José Carlos Magne, não deve deixar de ser considerada, muito embora saibamos da existência de homens a trabalhar no Gabinete das Obras com capacidade para efectuar projectos desta natureza.

Os três projectos, agora divulgados, revelam uma vez mais a vontade construtiva e renovadora de um conjunto de artistas cujo trabalho obedecia às directivas emanadas do espírito da Reforma. Se o velho retábulo do século XVII voltou a ocupar o lugar que lhe pertencia e os órgãos vieram solenizar o espaço da capela-mor contrariando o projecto referido, o resultado final desta iniciativa promoveu a sacralização e a magestosa imponência de um espaço que, por si só, constitui uma das jóias da arte nacional.

(7) Encontram-se exemplares destas plantas em locais dispersos. Destaque-se o Museu Nacional de Machado de Castro e a Biblioteca da Universidade de Coimbra.